Revista Investigações, Recife, v. 37, n. especial – 500 anos de Camões: tradição, diálogos e perspectivas, p. 1 - 12, 2024
https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index
https://doi.org/10.51359/2175-294X.2024.264683

Entrevistas: Camões 500 anos, com Annabela Rita e Maria Lúcia Dal Farra

Annabela Rita[*]
https://orcid.org/0000-0002-1541-3006

Maria Lúcia Dal Farra[**]
https://orcid.org/0000-0002-6426-1846

Jonas Jefferson de Souza Leite[***]
https://orcid.org/0000-0001-9001-7786

Paulo Ricardo Braz[****]
https://orcid.org/0000-0002-4823-1188

Annabela Rita (Portugal) e Maria Lúcia Dal Farra (Brasil), ambas com larga vivência literária e docente, responderam a quatro perguntas elaboradas por Jonas Leite (UFPE) e Paulo Braz (UFRJ) acerca das impressões que têm em relação ao poeta Luís de Camões. O objetivo desta entrevista foi colher as visões de duas professoras, cada uma de um lado do Atlântico, a respeito da obra camoniana, no ano que se comemora os seus 500 anos de nascimento. As respostas foram remetidas por e-mail, em outubro de 2024.

[*] Universidade de Lisboa. Doutorada, com Agregação e dois pós-doutoramentos em Literatura, é professora aposentada da Universidade de Lisboa, investigadora integrada do Centro de Estudos Globais (CEG) – Universidade Aberta e colaboradora do CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. E-mail: annabela.rita@gmail.com.
[**] Universidade Federal de Sergipe. Professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe. Mestra e Doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP), Livre-Docência em Literatura Comparada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: mldalfarra@gmail.com.
[***] Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jonas.leite@ufpe.br.
[****] Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: brazpr@letras.ufrj.br.

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

ANNABELA RITA

1 – Na sua opinião, passados 500 anos do nascimento de Camões, é possível apreendê-lo como um poeta que faça sentido ao mundo contemporâneo? Por quê?

Sim. Ele modela, sintetiza, exemplifica e/ou sinaliza o que fomos, o que somos e o que seremos. Através da obra que lhe conhecemos e da vida que lhe suspeitamos.

Fá-lo pelo modo como enciclopedia a cultura da "tribo" (tese de Eric Havelock[1]): faz a ponte entre o conhecimento, os programas estéticos e as sensibilidades desde a Antiguidade até à Modernidade, onde o Romantismo o acolhe e reconfigura oscilando entre herói e vítima, projectando-o até nós, "grãos de areia" no universo, vulneráveis face aos poderes que nos transcendem e às circunstâncias em que não conseguimos influir. E, por isso, demonstrando a dimensão trágica da existência que nos é comum.

E fá-lo, também, através da diversidade genológica que o constitui como uma biblioteca dentro da imensa biblioteca nacional, europeia, mundial... numa geometria que o tempo flexibilizará, promovendo interpenetrações, fusões, (re)combinações incertas e complexas, mas em que espreita já a subversão inesperada do cânone (p. ex., "a Lira destemperada" e "a voz enrouquecida" contrapondo-se à "tuba canora e belicosa", ou "a apagada e vil tristeza" contrastando com "as armas e os barões assinalados").

Sinal dessa sua presença na contemporaneidade é o facto de Almada Negreiros, modernista e futurista irreverente, aspirando à inovação e à originalidade, ter assumido a "Máquina do Mundo" camoniana para encimar o portal de entrada quotidiana num "templo de saber" (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) na "Cidade do Conhecimento" em Lisboa: a composição *Tétis Mostra a Vasco da Gama a Máquina do Mundo* (1961)[2]. E o motivo da "Máquina do Mundo", além de convocar a história das cosmovisões (incluindo a versão de Pedro Nunes no seu *Tratado da Esfera*, de 1537[3]), vai

[1] Cf. Eric Havelock. *Preface to Plato*, Cambridge, Harvard University Press, 1963.
[2] Obra de Almada Negreiros. Gravura incisa sobre placas de liós. Disponível em: https://vart.pt/almada_flul/.
[3] Trata-se da obra *Tratado da Sphera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em lingoagem pello Doutor Pero Nunez*

repercutir-se até ao séc. XX com imensa vitalidade, p. ex., nas suas homólogas poéticas de Carlos Drummond de Andrade (em *Claro Enigma*, 1951[4]) e de António Gedeão (em *Máquina de fogo*, 1961[5]).

Outro sinal dessa sua presença é a forma como combina a sua dimensão paródica (Linda Hutcheon), revisitando os clássicos e toda a literatura que o precede, com a sua capacidade de atrair essa mesma revisitação (p. ex., *Uma Viagem à Índia*, 2010, de Gonçalo M. Tavares), inclusivamente no plano do humor (caso de todas as reescritas satíricas das três primeiras estrofes d'*Os Lusíadas*, p. ex.[6]). A escrita moderna tem, aliás, folheado e

Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrecẽtados de muitas annotações e figuras per que mays facilmente se podem entender. Item dous tratados ˜q o mesmo Doutor fez sobre a Carta de marear. Em os quaes se decrarão todas as principaes duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do mouimento do sol: e sua declinação. E o Regimẽto da altura assi ao meyo dia: como nos outros tempos, Lixboa, Germão Galharde empremidor, 1537. Disponível em: https://purl.pt/40/1/obras/obras-p-nunes/pn_obras_imp_sec_xvi_2.html.

[4] Cf. poema "Máquina do mundo" de Carlos Drummond de Andradepublicado no seu *Claro Enigma* [1951],10ª ed., s. l., Editora Record, s. d., pp. 121-124.

[5] Cf. poema "Máquina do mundo" de António Gedeão publicado em *Máquina de fogo*, Coimbra, Tip. da Atlântida Ed., 1961, p. 22 (cf. manuscrito em https://purl.pt/12157/1/poesia/maquina-fogo/maquina-mundo1.html).

[6] Refiro-me a uma imensa tradição de carnavalização (Bakhtine) que atravessa a nossa cultura. Em ponto de fuga, é inevitável a evocação da *Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões por quatro estudantes de Évora em 1589* etilicamente motivada (Lisboa, 1880, atribuída a Manoel do Vale de Moura, Bartolomeu Varela, nem o Licenciado Manoel Luiz e Luiz Mendes de Vasconcelos), uma *Borracheologia Lusitana* divulgada em múltiplas versões que Francisco Soares Toscano fixou, por fim, em 1619 (*Festas Bacanais*) e que foi retomada em 1645 em Madrid por Antonio de Magallanes y Menezes, mas muitas outras se sucederam mais abrangentes do que o glosadíssimo canto I (até pelo rei Luís I, e, p. ex., o "Dinheiro", de Faustino Xavier de Novais, publ. no jornal luso-brasileiro *O Futuro*, 15/9/1862-1/7/1863) ou o discurso do Velho do Restelo (sátira à cantora Anna Zamperini do séc. XVIII incluída na *Zamperineida,* 1907, editada e anotada por Alberto Pimentel) ou, ainda, o episódio da ilha dos Amores (na conclusão de *Dom João*, 1906, rev. em 1925, de Manuel da Silva Gaio), e os primeiros cinco (*Os Lusíadas do Século XIX*, de F. A. de Almeida, de 1865 e 1884): o poema herói-cómico *O Reino da Estupidez* (manuscrito que começou a circular em 1785 e manuscrito que começou a circular em 1785 e cuja primeira impressão é de 1818, em Coimbra) (Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/franc_melo.pdf, de Francisco de Melo Franco, e o do descendente deste Francisco de Mello Franco *Novo Reino da Estupidez* (1995), ambos reunidos num mesno volume (Francisco de Mello Franco. *Reino da estupidez (1785) seguido do Novo reino da estupidez (1995)*, São Paulo, Giordano, 1995) – título que inspirará o de ensaios de Jorge de Sena (*O Reino da Estupidez*: I (1961) e II (1978), publicados no Brasil) -, para só mencionar estes numa linhagem que passa também por outras línguas (caso de *Les Lusiades travesties, parodie en vers burlesques, grotesques et sérieux - Voyage maritime et pédestre du grand portugais Vasco da Gama*, 1883, de J. R. M. Scarron/Mesnier) e em que se *destacam As Quybyrycas: poema éthyco em outavas* (Lourenço Marques, 1972), de Frey Ioannes Garabatus (João Pedro Grabato Dias)/António Quadros, com o delirante prefácio de Jorge de Sena. Ao lado desta linhagem erudita, assinale-se a paródia académica (onde não podemos esquecer a satírica *Viagem no Sistema Planetário*, de Patrocínio da Costa, publicado em Coimbra, em 1875, nem a *A Jantareida*, 1893, de Eduardo Maria, para não mencionar o recente *«Os Lysíadas», A epopeia dos LyS.O.S., Uma república de Coimbra no Porto*, 2022, de José Luís Mendes Pinheiro Veloso, de que consta o

reescrito Camões abundantemente: bastaria pensar, p. ex., na primeira parte do poema *Tríptico* (1961, "Transforma-se o amador na coisa amada, com o seu"), de Herberto Helder[7], ou em diversos momentos do seu *A Máquina de Emaranhar Paisagens* (1963, onde combina Camões com o Génesis, Villon e Dante)[8], nas variações temáticas de Ana Hatherly sobre um vilancete de Camões (*Anagramático*, 1970[9]) ou no livro *Re-Camões* (1980[10]), de E. M. de Melo e Castro. Afinal, um clássico é um livro que está sempre a ser relido, como nos diz Italo Calvino (*Porquê Ler os Clássicos?*, 1991[11])...

2 – Ao longo de sua trajetória acadêmica, quais as mudanças que você observa na forma de ler a obra de Camões?

---

poema «A Casaqueida», de Arthur Pinto da Rocha, primeiro presidente da Tuna Académica de Coimbra de 1888 [https://tunauc.wordpress.com/2022/04/05/os-lysiadas-e-as-tradicoes-coimbras/]), a sátira política (p. ex., *Parodia, sem pretensoes, aos Luziadas, do nosso fallecido colega e illustre thalasa, cidadão Luiz de Camões*, do jornalista António Correia Pinto de Almeida/Marco António, iniciada em 18/9/1912, no periódico lisboeta "Os Ridículos") e a imensa tradição popular da paródia camoniana (especialmente, em Portugal e no Brasil). Apenas dois indicadores bastariam para sinalizar a sua presença: Gilberto Mendonça Teles dos 94 escritos a produção de poemas herói-cómicos em Portugal do século XVI em diante consultados, assegura que "90% deles se construiu sobre o modelo camoniano" (Gilberto Mendonça Teles. *Camões e a poesia brasileira e o mito camoniano na língua portuguesa*. 4ª edição. Lisboa, INCM, 2001, p. 325); Alberto Pimentel enumerou imensas paródias num informado estudo a "Paródias aos *Lusíadas*" (*A Águia*, 2ª série, vol. XVIII, N.º 106-107-108, Out., Nov., Dez. 1920, pp. 145-149). De Gilberto Mendonça Teles, que apresenta uma tipologia das modalidades paródicas da reescrita camoniana, não resisto a citar uma passagem saboreando alguns títulos a título de exemplo: "Em Camões e a poesia brasileira damos uma relação desses poemas que envolvem nomes de políticos e de escritores representativos da cultura brasileira, como, dentre outros, Januário da Cunha Barbosa, Marcelino Antônio Dutra, Lopes da Gama, Álvaro Teixeira de Macedo, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo, Juvenal Galleno, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Machado de Assis, José Bonifácio (o Moço), Felipe d'Oliveira, Bastos Tigre, Orígenes Lessa, Floriano Peixoto, Eurico Gaspar Outra e Benedito Valadares. Curiosa a relação de alguns títulos, como: *A Estoleida*, *A coluneida*, a *Migueleida*, *A Cameleida*, a *Bengaleida*, a *Engenheida*, *As Bezerreidas*, *A Florianeida*, a *Walfredeida* e a *Zebueida*, formados na linha da épica virgiliana, mas sob forte influência do poema.de Camões." (*O mito camoniano*, Revista Convergência Lusíada 7-v.5, 1980, p. 35 [https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/1140]).
E, se *Os Lusíadas* são imensamente revisitados, que dizer dos sonetos camonianos, tão reescritos?...

[7] Cf. Herberto Helder, "Tríptico" in *Ofício Cantante*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 1961.

[8] Cf. Maria Lúcia dal Farra, aqui entrevistada também, dedicou um estudo a *Herberto Helder leitor de Camões* (*Revista Camoniana* 2.1 [1978]: 67-90).

[9] Cf. Ana Hatherly. *Anagramático*, Lisboa. Moraes Editores. 1970.

[10] Cf. E. M. de Melo e Castro. *Re-Camões*, Porto, Limiar, 1980.

[11] Cf. versão brasileira: Italo Calvino. *Porque Ler os Clássicos?*, [1991], S. Paulo, Companhia das Letras, 1993. Disponível em: em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4411070/mod_resource/content/1/Por%20que%20ler%20os%20Cl%C3%A1ssicos%3F%20.pdf.

Os *modos de ler* (e de *reescrever*) Camões reflectem, naturalmente, as transformações perspécticas e conceptuais da história da leitura (Alberto Manguel[12]) e as oscilações do gosto (Gillo Dorfles[13]).

Nos estudos literários, seria possível exemplificar cada um deles recorrendo à evocação de um vulto marcante desde o Positivismo (para não recuar mais), passando pela estilística, pelo formalismo e pela sua continuidade estruturalista, pela *close reading*, pela estética da recepção etc.

E Camões foi-se agigantando nas e com as suas sucessivas releituras: uns perscrutaram-lhe a genealogia literária (em busca das "influências" e/ou da inovação), outros especularam sobre a biografia sinalizada na obra, outros ainda analisaram-na estruturalmente (às vezes, até à estatística lexical e à sintaxe), alguns ponderaram a sua recepção (incluindo a tradução), não podemos esquecer os que se debruçaram sobre o seu conhecimento científico e das artes, a intertextualidade e interdiscursividade.

Acresce a isso, o modo como as letras e as artes, além de o glosarem, o referirem e o revisitarem, tomando-o também como explícita matéria de trabalho, colocando-o em cena. O caso mais destacado será a confluência das dramáticas representações da morte de Camões por Garrett (*Camões*, 1825[14]) e por Domingos Sequeira (pintura *A Morte de Camões*, 1824, perdida, mas de que subsistem dois esboços) promovendo a identificação do Poeta com Portugal (expirando juntos...), identificação cuja pedra angular são *Os Lusíadas* (1572), que Guerra Junqueiro envolverá no sudário da sua *Pátria* (1896), réquiem finissecular incontornável. Será, aliás, essa identificação que legitimará o enlutado 10/Junho (em 1580, de Camões e de Portugal pós-Alcácer Quibir, subsumido na união ibérica da dinastia filipina) como Dia de Portugal, facto que Eduardo Lourenço destaca num seu discurso das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (em Leiria, 1980):

[12] Cf. Alberto Manguel. *Uma história da leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.
[13] Cf. Gillo Dorfles. *Le oscillazioni del gusto. L'arte oggi tra tecnocrazia e consumismo*, Skira, Milano 2004.
[14] Cf. Almeida Garrett. *Camões*, Paris, Livraria Nacional Estrangeira, 1825.

> É inegável que **a osmose e a identificação entre o Poeta e o Livro, entre o Livro e a consciência nacional** é não só um facto, mas o facto capital da nossa Cultura. Se o não fosse, não estávamos aqui, reunidos colectivamente em volta de Camões, refazendo neste templo de prodígios siderais, uma nova versão dos painéis de Nuno Gonçalves.[15].

3 – Qual a importância do poeta para a sua formação de leitor(a)? Pensando no/na jovem leitor(a), qual seria essa importância?

Como leitora, sou herdeira de todos estes *modos de ler*, de todas estas reconfigurações de Camões, pois, não apenas, como assinala Alberto Manguel (*Uma História da Leitura*, 1996), há obras que se nos oferecem como "medidores" ou "barómetros" do nosso amadurecimento e transformação de leitores, mas o próprio séc. XX é um século em que as transformações dos programas de leitura se sucederam vertiginosamente. Eu vivi-as, até, pelo facto de, enquanto estudante, ter convivido com diferentes gerações académicas, cada uma com as suas opções perspécticas e algumas delas desejando actualizar-se, reinventando-se nessa nova leitura... recentemente, a *História Global da Literatura Portuguesa*[16] fez-me rever esse itinerário no passo em frente que ela constitui e a leitura do que se diz de Camões é um excelente indicador da sua presença *global*.

Camões favoreceu e favorece, pois, na ponderação dos modos como foi sendo lido, uma recapitulação da nossa história da leitura (individual e colectiva) e, em geral, da história da nossa cultura ocidental, evidenciando as coordenadas mais densas e permanentes e as mais renovadas (incluindo as científicas).

[15] Cf. https://leduardolourenco.blogspot.com/2011/06/dia-de-camoes.html. Negritos meus.
[16] Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão, José Eduardo Franco e Miguel Real (direcção). *História Global da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2024. Sobre o projecto cf. https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/13721.

E ele também favorece a perscrutação das linhagens estéticas (T. S. Eliot[17]) e dos diálogos interartes através dos tempos (remeto para exemplos já referidos na resposta à primeira pergunta), para já não mencionar a da metamorfose das imagens e dos conceitos.

Ler Camões é, afinal, perdermo-nos no labirinto da nossa memória colectiva embebida de saudade e esplendor para alguns (Eduardo Lourenço), de razão e mistério para outros (António Quadros), de ocult(tad)o (António Telmo), de mitos (José Eduardo Franco), de mitogeometria (Carlos Calvet), de símbolos (Lima de Freitas) e de enigmas (F. da Cunha Leão)... e reencontrarmo-nos nela.

4 – Para você, qual o maior legado do poeta?

Tudo o que disse atrás, e para que agora remeto, arriscando uma analogia: ele constitui a "máquina do nosso mundo" das Artes, das Letras e das Ciências, favorecendo a perscrutação dos saberes e dos fazeres que o precederam, seus e nossos contemporâneos.

[17] Cf. T. S. Eliot. "Tradição e talento individual". In T. S. Eliot. *Ensaios*, São Paulo, Art Editora, 1989. pp. 37-48.

Revista Investigações, Recife, v. 37, n. especial – 500 anos de Camões: tradição, diálogos e perspectivas, p. 1 - 12, 2024
https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index
https://doi.org/10.51359/2175-294X.2024.264683

MARIA LÚCIA DAL FARRA

1 – Na sua opinião, passados 500 anos do nascimento de Camões, é possível apreendê-lo como um poeta que faça sentido ao mundo contemporâneo? Por quê?

Sim, e de maneira a mais satisfatória. Não preciso ir longe para cogitar sobre a relevância contemporânea das críticas que o Narrador de *Os Lusíadas* traça sobre o procedimento político, ético e civilizatório do seu tempo. Algo que não apenas concerne à cultura portuguesa da época, já que ainda serve – com perfeição! - para o nosso momento histórico.

Trata-se de apreciações geniais que foram sendo decodificadas ao longo dos séculos de leitura da obra camoniana, ao mesmo tempo em que comprovavam a sua eficácia quinhentista e humanista: justo a que nos falta hoje, pois que Camões vaticinou, na sua viagem épica e iniciática, avaliações que podem ser estendidas para o restante do universo contemporâneo. Veja-se, por exemplo, como a compleição poética da "Máquina do Mundo", no canto X da epopeia, comparece modernamente em Drummond, no seu poema de Claro Enigma, que é de 1951.

Quanto à sua lírica, penso sempre, e a cada momento hoje em dia, por assim dizer, no soneto 92, que nos chega com uma atualidade exuberante acerca daquilo que o Tempo encerra: a perpétua mudança. Porque, partindo do pressuposto de que o mundo é composto de transformações, a cada vez mais repletas de inovadoras qualidades, Camões conclui amargamente, no entanto, que a mudança de hoje, assim como o seu mecanismo de metamorfoses, já é diversa da anterior, já que constitui-se noutra – naquela que não poderíamos, sequer, supor:

> E afora este mudar-se cada dia,
> Outra mudança faz de mor espanto,
> Que não se muda já como soía.

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

2 – Ao longo de sua trajetória acadêmica, quais as mudanças que você observa na forma de ler a obra de Camões?

Na minha infância e adolescência, Camões, além de ser um autor sagrado, era intocável e dificílimo! E a gente só o tangenciava, desagradavelmente aliás, pela análise sintática, o que o tornava ainda mais árido e, muitas vezes, odiento... Todos nós, alunos do meu tempo, tínhamos imenso receio d´ Os Lusíadas! O grosso volume funcionava como uma espécie de aceno de tortura, sobretudo quando então topávamos com estrofes, para nós ainda desconhecidas da epopeia, para analisarmos em prova escrita de Português!!!

Entretanto, essa perspectiva foi se alterando consideravelmente na universidade. Lá, pudemos descobrir um outro Camões épico, aconchegante e mesmo próximo do nosso afeto, com quem aprendíamos, atentos, sobre técnicas narrativas, sobre o uso da mitologia, sobre a história literária e portuguesa, sobre as correntes filosóficas fundantes do Classicismo português. Também pudemos apreender nele aquele conceito, que depois seria denominado de intertextualidade, tão moderno, e, no entanto, já praticado pelo nosso épico-mor.

Daí que entendi, ao menos, que não fora inútil ter a ele me achegado através de tão sinuosos exercícios gramaticais. Certamente foi a compreensão das suas estruturas linguísticas, na dimensão do léxico e da sintaxe, das figuras de estilo, sobretudo do hipérbaton, que me ajudaram a ultrapassar a então selva obscura daquilo que se tornou, depois para mim, um romance delicioso, de grande deleite, e que concerne tanto ao mundo antigo quanto ao universo contemporâneo.

3 – Qual a importância do poeta para a sua formação de leitor(a)? Pensando no/na jovem leitor(a), qual seria essa importância?

Bem, Camões, sobretudo a sua lírica, e mesmo de maneira consciente, vive pulsando na minha própria poética. E, ultimamente, na minha derradeira obra (Livro de Erros, de 2024), me apropriei folgadamente dos seus "erros":

> Erros meus, má Fortuna, Amor ardente
> Em minha perdição se conjuraram;
> Os erros e a Fortuna sobejaram,
> Que para mim bastava Amor somente.
>
> Tudo passei; mas tenho tão presente
> A grande dor das cousas que passaram,
> Que as magoadas iras me ensinaram
> A não querer já nunca ser contente.
>
> Errei todo o discurso de meus anos;
> Dei causa (a) que a Fortuna castigasse
> As minhas mal fundadas esperanças.
>
> De amor não vi senão breves enganos.
> Oh! Que tanto pudesse que fartasse
> Este meu duro Gênio de vinganças!

Apropriando-me, sobretudo, do "Errei todo o discurso de meus anos" pude identificar neste uma tradição pós-moderna de escrita: a da diferenciada semântica de errância, desacerto, equívoco, impropriedade, falsos cognatos *etc*. – uma maneira de desafinar em busca – épica! – de novas conexões impossíveis ou impraticáveis. Errar conduz, de alguma maneira, ao acerto!

Como diz (e escreve) o meu amigo Jorge Fernandes da Silveira, "errar é camoniano": ou seja, errando (epicamente!) por terras alheias em busca de algo que procuramos, podemos encontrar superiormente aquilo que não procurávamos e que se expõe como um melhor achado que aquele a que visávamos, quando nos pusemos a caminho para tal. A isto se dá o nome de "serendipidade", ou seja, ao processo que nos leva a topar com aquilo que não sabíamos que procurávamos. Os surrealistas diriam, para Camões, que se trata do "acaso objetivo" ...

Creio que isso não se aplica apenas à viagem do nosso Vasco da Gama camoniano, mas à escrita da própria épica camoniana, e, sobretudo, à escrita poética da pós-modernidade que tem como referência contemporânea a obra

de Baudelaire. Pelo menos é isto que discuto no "Pórtico" do meu apontado derradeiro livro de poemas.

4 – Para você, qual o maior legado do poeta?

Tomo um pequeno exemplo: o soneto 96. Sendo esta obra prima uma espécie de síntese acerca da concepção do amor na lírica camoniana, ela também leva para adiante as raízes autóctones da Literatura Portuguesa e da Provençal que, por sua vez, se renovam no Cancioneiro de Garcia de Resende, alcançando, então, esse estágio maior no Renascimento e na lírica de Camões.

O soneto em pauta expõe a convergência dessas tradições culturais e acabou por se prestar como motivo para que o notabilíssimo poeta português contemporâneo Herberto Helder pudesse discutir – mercê deste soneto e à medida que o pratica enquanto escrita sua – o próprio engenho da mágica poética, tanto da sua feitura e execução linguística quanto da relação inequívoca entre leitor e poema.

De maneira que encerro o legado que Camões me deixa e nos legou e que se perpetuará farta e diferentemente no futuro, citando apenas, para o regalo do leitor, primeiro o soneto do nosso Quinhentista e depois o poema herbertiano. Escrevi um ensaio a esse respeito, e endereço o meu leitor para ali: "Herberto Helder leitor de Camões". Revista Camoniana 2ª. Série, vol. 1. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1978, p. 67-90.

Ei-los:

Camões:
Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mi(m) tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia.
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assi(m) coa alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
(E) o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

Herberto Helder:
«Transforma-se o amador na coisa amada», com seu
feroz sorriso, os dentes,
as mãos que relampejam no escuro. Traz ruído
e silêncio. Traz o barulho das ondas frias
e das ardentes pedras que tem dentro de si.
E cobre esse ruído rudimentar com o assombrado
silêncio da sua última vida.
O amador transforma-se de instante para instante,
e sente-se o espírito imortal do amor
criando a carne em extremas atmosferas, acima
de todas as coisas mortas.

Transforma-se o amador. Corre pelas formas dentro.
E a coisa amada é uma baía estanque.
É o espaço de um castiçal,
a coluna vertebral e o espírito
das mulheres sentadas.
Transforma-se em noite extintora.
Porque o amador é tudo, e a coisa amada
é uma cortina
onde o vento do amador bate no alto da janela
aberta. O amador entra
por todas as janelas abertas. Ele bate, bate, bate.
O amador é um martelo que esmaga.
Que transforma a coisa amada.

Ele entra pelos ouvidos, e depois a mulher
que escuta
fica com aquele grito para sempre na cabeça
a arder como o primeiro dia do verão. Ela ouve
e vai-se transformando, enquanto dorme, naquele grito
do amador.
Depois acorda, e vai, e dá-se ao amador,
dá-lhe o grito dele.
E o amador e a coisa amada são um único grito
anterior de amor.

E gritam e batem. Ele bate-lhe com o seu espírito
de amador. E ela é batida, e bate-lhe
com o seu espírito de amada.
Então o mundo transforma-se neste ruído áspero
do amor. Enquanto em cima
o silêncio do amador e da amada alimentam
o imprevisto silêncio do mundo

e do amor.

Caberá ao leitor cotejar ambos os poemas para apreciar a "crueldade" com que Herberto leu Camões, puxando-o, talvez, para o lado de Artaud.

Veja-se que o poema cria a "carne em extremas atmosferas", como se o soneto nomeasse a invenção e a decodificação poéticas, identificadas à transformação amorosa. O texto do Quinhentista comparece em Herberto como se aquele fosse uma leitura da poesia medieval e, especialmente, dos processos de produção poética das cantigas medievais – sobretudo na cantiga de amigo, onde o poeta que é homem, se transforma, por virtude do muito imaginar, na coisa amada – a mulher que ele finge ser como emissor da cantiga.

Em "a matéria simples busca a forma", Herberto Helder vê tanto os meios literários de composição quanto os de compreensão poética – sempre aproximados, já agora surrealisticamente, ao ato amoroso. E não é Breton quem afirma que as palavras fazem amor entre si?!

Maria Lúcia Dal Farra

Morada do Rio, 23 de outubro de 2024.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Máquina do mundo. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. 10. ed. Editora Record: 1981. p. 121-124.

CALVINO, Italo. **Porque Ler os Clássicos?**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Sonetos.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

CASTRO, E. M. de Melo e. **Re-Camões**. Porto: Limiar, 1980.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **Livro de erros**. São Paulo: Iluminuras, 2024.

DORFLES, Gillo. **Le oscillazioni del gusto. L'arte oggi tra tecnocrazia e consumismo**. Skira: Milano, 2004.

ELIOT, T. S. **Tradição e talento individual**. *In*: ELIOT, T. S. **Ensaios**. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

FRANCO, Francisco de Mello. **Novo reino da estupidez.** São Paulo: Giordano, 1995.

FRANCO, Francisco de Mello. **Reino da estupidez.** São Paulo: Giordano, 1995

GARRETT, Almeida. **Camões**. Paris: Livraria Nacional Estrangeira, 1825.

HATHERLY, Ana. **Anagramático**, Lisboa. Moraes Editores. 1970.

HAVELOCK, Eric. **Preface to Plato.** Cambridge: Harvard University Press, 1963.

HELDER, Herberto. **Tríptico** in *Ofício Cantante*, Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 1961.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.

NUNES, Pedro. **Tratado da sphera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em lingoagem pello Doutor Pero Nunez Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrecẽtados de muitas annotações e figuras per que mays facilmente se podem entender. Item dous tratados ˜q o mesmo Doutor fez sobre a Carta de marear. Em os quaes se decrarão todas as principaes duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do mouimento do sol: e sua declinação. E o Regimẽto da altura assi ao meyo dia: como nos outros tempos**. Lisboa: Germão Galharde empremidor, 1537.

Recebido em 26/10/2024.

Aprovado em 08/11/2024.